

Suplemento Cultural

Museu do Ipiranga No grito da Independência, Dom Pedro sentia dores de diarreia e cansaço

RAQUEL NAVEIRA

Todo museu é um lugar fascinante e misterioso. Quem gosta da vida, gosta do passado, ele é o presente que sobreviveu na memória humana, disse a romancista Marguerite Yourcenar. O Museu do Ipiranga ou Museu Paulista é o meu preferido. O palácio com ricos jardins, pousado num verde parque onde cantam sabiás e periquitos, erigido no local em que aconteceu o evento histórico da Independência do Brasil, guarda um poderoso laço afetivo com os que o visitam.

Lembro-me tão bem quando era criança e lá estive pela primeira vez, numa manhã fria e ensolarada, de boina e uniforme plissado cor de vinho com a professora e as colegas. A emoção, o impacto de ficar frente a frente com vultos anunciadores de antigos tempos.

A professora, que nos servia de guia, explicava: a escadaria do palácio representa o Rio Tietê, ponto de partida dos bandeirantes rumo ao interior do País. Ao lado, esferas com águas dos rios desbravados. No saguão central, uma estátua de D. Pedro I em bronze, seguida das estátuas dos bandeirantes Borba Gato, Antônio Raposo, Fernão Dias. Botas, chapéus, coletes, bacamartes esculpidos na pedra. Subindo os degraus, o imenso quadro "Grito da Independência", do pintor Pedro Américo. Cena fantástica: o riacho, os cavalos, os soldados em roupas de gala, penachos e espadas nos ares. A obra foi encomendada pela Família Real quando a mesma investia na construção do edifício. É romântica releitura. Os poucos soldados, na verdade, estavam montados em jumentos e mulas, vestidos em



MUSEU DO IPIRANGA OU MUSEU PAULISTA DA USP – ícone da história e cultura do País – continua fechado para reforma (até quando?)

mangas de camisa. D. Pedro, dizem, não ostentava esse semblante de vitória, pois sentia dores de diarreia e cansaço. Mas o grito ecoou pelas margens e foi potente: "– Independência ou Morte".

Continuamos em fila pelos corredores: os móveis, as camas com dossel, as cômodas-papeleiras cheias de penas e tinteiros, as armas, as joias, as medalhas, os selos, as carruagens, as indumentárias. E nas pinturas das paredes, os olhos dos barões e das marquesas nos acompanhavam vívidos, úmidos.

Em nichos de vidro, coleções de retratos de família, as experiências aeronáuticas de Santos Dummont, as partituras das óperas de Carlos Gomes, os objetos de cerâmica do cotidiano dos índios e os moedores de café, que trituram eternamente os grãos negros desse universo de trabalho, sangue, sonhos e lutas.

Descemos até o subsolo da cripta, que abriga os restos mortais de D. Pedro I e suas esposas: Leopoldina e Amélia. Cadáveres colocados lado a lado em seus caixões, rodeados por quilos de granito. Essa sensação de luz da verdade e sombra da morte impregnou-se em mim, em minha visão do mundo e da História, desde aquela manhã.

Muito mais tarde, acompanhei com renovada emoção a notícia da exumação daqueles corpos por uma equipe composta de arqueólogos, médicos e físicos responsáveis pela análise dos despojos. De D. Pedro, o libertador soberano, homem de cabelos pretos e olhos brilhantes, contraditório, impulsivo, autoritário, ambicioso, grosseiro, generoso e sedutor, capaz de amar e odiar com volúpia e extremos; desse jovem estabonado, idealista, injusto e agressivo, desejo de

“

(...) a escadaria do palácio representa o Rio Tietê, ponto de partida dos bandeirantes rumo ao interior do País. Ao lado, esferas com águas dos rios desbravados”

fazer o bem, que não acreditava em diferença racial, direto no relacionamento com os súditos. Enfim, desse imperador falho e humano, restaram as costelas quebradas que perfuraram seu coração, matando-o aos trinta e seis anos. De Leopoldina, arquiduquesa de Áustria, mulher obesa de bela face, culta, obrigada a conviver com um marido adúltero, criado em estrebrias, numa corte provinciana; dessa que foi humilhada, afrontada com más palavras, chutes e perturbações, mas que demonstrou grandeza de caráter; dessa que exigiu numa carta endereçada ao esposo a Independência, sobram pedaços puídos da roupa de sua coroação e a faixa de Imperatriz do Brasil. E de Amélia de Leuchtenberg, bela e refinada como uma rosa fresca, que amava os bailes e o cerimonial francês, cativando a todos com afeto e atitudes firmes, veio a surpresa: estava intacta, múmia ressendo a cânfora e mirra, segurando entre os dedos a cruz de prata.

O Museu do Ipiranga ficará fechado ainda por muitos anos. Há que se restaurar fissuras e brechas em sua estrutura. Lamento. Por enquanto, crianças e professores não andarão mais pelas alas, galerias e varandas. Vim menina aqui, pensei. Voltei meu rosto em direção ao sol. O palácio ficou para trás, luzindo, resplandecendo para sempre.

POESIAS

ADOÇÃO

Olhe, adote uma criança
E faça um investimento
Do mais puro sentimento,
Investimento de amor.
Nem só de pão vive o homem,
Vive também de bondade.
Olhemos a humanidade
Com os olhos do Senhor.

Se você for egoísta
E sempre estiver ausente,
Talvez seja um inocente
Que por isso irá sofrer.
Quantas lágrimas doridas
Que então serão derramadas,
Crianças abandonadas
Pelas ruas vão morrer.

Se não se estender a mão
Para essas pobres crianças,
Lá se vão as esperanças
Na sociedade feliz!
Terão uns mais, outros menos.
Criança passando fome,
O mundo terá um nome:
Desumano e infeliz.

Além do pão de farinha
Que, sem dúvida, é sustento,
Há outro pão, alimento
Que se chama educação.
Mas isto só é possível
A quem nasceu na miséria,
Se houver na legislação
A lei do amor, da ternura,
Instituto da Adoção.

Bem haja aquele que luta
E tem sensibilidade,
Tornando uma sociedade
Mais justa, menos hostil.
Adotar uma criança,
Seja menina ou menino,
É como entoar um hino
De grandeza do Brasil.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

MINGUANTE

Caio –
que surpresa!
tanto desconhecimento
de quem convive consigo mesma
há tanto tempo.

Caio –
que estranho!
Parece coisa de antanho
– de sem fim –
imagem desbotada
dentro da gente.
Sou o que não sou
– interiormente –

Na raiz sou mesmo
pobre ser que se suporta
– as teorias... ah! –
pouco importam...
O cabuloso é delinear
um código íntimo
para não se perder no labirinto:
e achar um refúgio aberto para o mar...
pra fazer a cortição
de dentro para fora
porque o de fora não consegue entrar...

LÉLIA RITA DE FIGUEIREDO

EVERALDO – APLAUDIDO LATERAL ESQUERDO DO COMERCIAL DE TRÊS LAGOAS

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO
– PRES. DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS

EVERALDO DE FIGUEIREDO nasceu no dia 5 de janeiro de 1962, na progressista cidade de Tupã, do rico estado de São Paulo que, quando jovem, destacou-se como lateral esquerdo de equipes de futebol de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Como bom estudante, Everaldo iniciou seus estudos na Escola Municipal Vila São Paulo de Tupã. Após o primário transferiu-se para a escola Coelho Neto onde concluiu o ginásio. O segundo grau fez no tradicional Colégio da Associação de Ensino de Marília. Diplomou-se na Faculdade de Administração de Empresa da cidade de Ponta Porã, Estado de Mato Grosso do Sul.

Everaldo era ainda uma criança quando se apaixonou pelo futebol.

Jogava pelada diariamente, com a meninada, num terreno baldio atrás de sua residência, na cidade de Tupã, já tendo as características de zagueiro. Aos dez anos firmou-se como lateral esquerdo, atuando pelo CECAP Futebol Clube de Tupã e aos 12 já jogava no bom time do Brasinha Futebol Clube.

Em 1978, com 16 anos, transformou-se no lateral esquerdo do juvenil do Santos Futebol Clube, no timaço em que Pelé, Rei do Futebol, era a grande estrela como titular. Em 1979, convidado, atuou como um dos aplaudidos laterais do time da Portuguesa Santista.

No ano de 1980, numa troca de jogadores, passou a jogar no Tupã Futebol Clube e, no ano seguinte, comprado, disputou o disputado Campeonato Paulista da primeira Divisão, jogando pelo Marília Futebol Clube, da cidade de Marília, interior de São Paulo. No início de 1981, contratado, atuou no

15 de Jaú, da cidade do mesmo nome, na disputa do Campeonato Paulista da Primeira Divisão.

No meio do campeonato sofreu uma dolorida contusão, fraturando a tibia. Dois anos depois, recuperado, defendeu o Novo Horizontino Futebol Clube, da cidade de Novo Horizonte, interior de São Paulo. No ano seguinte (1984), emprestado, disputou o *Campeonato Catarinense* defendendo as cores do Blumenau Futebol Clube, conquistando, com boas atuações, o terceiro lugar na competição.

Voltando para São Paulo, em 1985, disputou a segunda Divisão do Campeonato Paulista jogando pelo Garça Futebol Clube, da cidade de Garça, Estado de São Paulo. No ano de 1987, entusiasmado, aceitou o convite para defender as cores do Clube Atlético Douradense, da cidade de Dourados (MS), na disputa do campe-

onato Sul-Mato-Grossense de Futebol. Fazendo um bom campeonato, foi convidado para atuar no Corumbense Futebol Clube, da cidade de Corumbá, em Mato Grosso do Sul, em 1987.

De volta a São Paulo, em 1988, foi um dos bons jogadores do Clube Atlético Cândido Motense, da cidade de Cândido Mota (SP). Voltou a vestir camisas de agremiações de futebol de Mato Grosso do Sul no ano de 1990, escolhendo jogar no E. C. Comercial de Campo Grande. Em 1992 foi a vez de atuar no Dom Bosco Futebol Clube de Três Lagoas e finalmente encerrou a carreira de jogador de futebol jogando no Esporte Clube Comercial de Três Lagoas.

Atualmente o craque Everaldo reside na cidade de Ponta Porã, estado de Mato Grosso do Sul, realizando brilhantemente o trabalho de assessor do prefeito e gerenciando as compras do município de Ponta Porã, sendo, ainda, pregoeiro e responsável pelas licitações da prefeitura local.

“Traquino – Lições de vida” e a justa dimensão da Felicidade

RUBENIO MARCELO – SECRETÁRIO-GERAL DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Embasado na ética teleológica, Aristóteles já pregava, na antiga Grécia, que as ações humanas tendem a um fim específico – e que esta finalidade procurada deve ser um bem superior, autêntico e autossuficiente: a felicidade, que é, portanto, o principal objetivo, enquanto os outros bens são meios. Com efeito, a ótica aristotélica destacou também os intentos da racionalidade humana, da sabedoria e da virtude (o justo e perfeito agir, a reta conduta), que, em sintonia com os atributos sublimes da alma, proporcionam as condições necessárias para o surgimento da felicidade.

A humanidade sempre fomentou estudos e raciocínios buscando a hermenêutica da vida e dos seus mistérios, bem como as nuances transcendentais que regem os planos físico e espiritual do homem. E esta procura da verdade visa à conquista da felicidade, vez que para se alcançar um certo destino há de se conhecer o caminho a ser trilhado. E é certo que todo ser humano está orientado naturalmente para a felicidade, enquanto diversos aspectos do rotimundo podem modificar esta caminhada. Certo também é que esta busca da felicidade deve ser conscientemente embasada nos desígnios da ética, da moral e da razão, à luz da supremacia do espírito (com ‘energia espiritual positiva’), sempre com espontaneidade, jamais de forma ansiosa e insaciável ou usurpando espaços dos nossos semelhantes.

Destarte, chega agora o escritor e advogado M. C. Lacerda com sua obra autoral “Traquino”, que se divide em duas

partes: - ‘Os personagens e a lenda sobre Traquino e Mimi’; - e ‘Lições de vida transmitidas por Traquino’. Desse modo, alicerçado em narrativas lendárias (e também experiências oníricas e intuições peculiares do autor), o livro timbra preexcelso reflexão acerca da nossa existência, bem como salienta relevantes regras de conduta e boas ações – tudo objetivando a familiarização dos leitores com o bem supremo almejado por todos: a felicidade.

Na primeira seção, em vigor narrativo de cunho fantástico, o autor explana, com riqueza de detalhes, o pouso de emergência da espaçonave sideral BRZ21, que – vinda da estrela Antar 777.777 – se encontrava em voo de reconhecimento, e que tinha, entre seus tripulantes, Traquino e Mimi, seres da ‘Quinta Dimensão’. A estes dois personagens extraterrenos somam-se no enredo (em tempos e espaços diferentes) os privilegiados terráqueos Apollo e Zé Cutia

(e o próprio autor, que recebera a missão para registrar as lições de vida transmitidas por Traquino). Aqui, grandes e especiais surpresas aguardam o leitor.

Na segunda parte deste volume, vamos desfrutar dos ensinamentos que ‘foram repetidos de boca em boca por inúmeras gerações, até chegar aos nossos dias’ – preceitos e mandamentos repassados por Traquino, que deixou a orientação para que ‘tudo fosse retransmitido a todos, sem distinção de raça, cor, sexo, ideologia política, religião, doutrina esotérica ou mística’. Assim, neste segmento, inicialmente vamos entender que ‘Deus é a causa primeira da criação do universo’, o ‘sumo da perfeição’, a fonte de todo o bem. Depois, passamos pelas searas da alma e seus graus de evolução; as concepções de liberdade, livre arbítrio e destino; os fundamentos da razão e da irracionalidade; os efeitos do trabalho, da preguiça e da mentira; e, afinal, o modo correto para que possamos ‘alcançar

uma vida plena de realizações, com alegria e sucesso’.

“Traquino”, de M. C. Lacerda, é um livro que nos convoca para uma eficiente ‘revisão da vida’ – para avaliarmos os nossos destinos: refletirmos sobre o que realizamos, sobre o que deixamos de fazer e o que faremos doravante (e como melhor poderemos estruturar nossas ações). É um livro envolvente, que – nos situando neste mundo moderno e globalizado – mostra direções seguras para que resgatemos a supremacia do ser, a primazia do espírito, com o pleno conhecimento do nosso plano superior. É um livro, enfim, que nos impele a redescobrir (ou reinaugurar) a vida sob a flama justa da espiritualidade, praticando a virtude e combatendo os vícios e as iniquidades, em integral harmonia conosco e com os outros, contemplando assim o sol brilhante da verdadeira felicidade, e aproximando-nos do *quantum* energético dos seres evoluídos da quinta dimensão. É ler para crer.